

VIAGENS PELA LITERATURA SUÍÇA
ENSAIOS

Título: Viagens pela literatura suíça. Ensaios

Autor: Gonçalo Vilas-Boas

Capa: Departamento Gráfico / Edições Afrontamento

Edição: Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (FLUP) e Edições Afrontamento

Concepção Gráfica: Departamento Gráfico / Edições Afrontamento

N.º de edição: 1928

Colecção: Estudos de Literatura Comparada, 25

ISBN: 978-972-36-1705-4

Depósito Legal: 449413/18

Execução gráfica: Rainho & Neves, Lda. / Santa Maria da Feira
geral@rainhoeneves.pt

Distribuição: Companhia das Artes – Livros e Distribuição, Lda.
comercial@companhiadasartes.pt

© Autor, Edições Afrontamento e Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (FLUP)

Edições Afrontamento, Lda.

Rua Costa Cabral, 859, 4200-225 Porto

www.edicoesafrontamento.pt

comercial@edicoesafrontamento.pt

Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (FLUP)

www.ilcml.com

Esta publicação foi desenvolvida e financiada por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do Programa Estratégico «UID/ELT/00500/2013» e por Fundos FEDER através do Programa Operacional Fatores de Competitividade – COMPETE «POCI-01-0145-FEDER-007339».

Esta publicação não segue o último acordo ortográfico.

Viagens pela literatura suíça

Ensaaios

Gonçalo Vilas-Boas



ILCML | INSTITUTO DE LITERATURA COMPARADA
MARGARIDA LOSA



Edições
Afrontamento

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia
ADMINISTRAÇÃO GERAL, INOVAÇÃO E INÍCIO DESENVOLVIMENTO

UID/ELT/00500/2013

**COMPETE
2020**

**PORTUGAL
2020**



**GOVERNO DE
PORTUGAL**

POCI-01-0145-FEDER-007339

Índice

Prólogo.....	7
Relatos da viagem de Annemarie Schwarzenbach a Marrocos.....	13
Olhares suíços sobre Portugal: de Reynold a Loetscher.....	23
<i>Minotauro. Uma balada</i> , de Friedrich Dürrenmatt.....	53
Friedrich Dürrenmatt e o policial que não o é completamente.....	71
O lento trabalho de ordenamento espacial em romances policiais suíços: Werner Schmidli e Hansjörg Schneider.....	83
Topografias citadinas nos romances de Urs Richle.....	99
As figuras do pai e da mãe em obras de Urs Widmer: o privado e o público.....	117
A procura do pai no romance <i>Meine Väter</i> de Martin R. Dean.....	133
Uma história de hotel com Thomas Mann ao fundo. O romance <i>Um Criado Exemplar</i> de Alain Claude Sulzer.....	145

Prólogo

Os ensaios aqui reunidos representam algumas viagens textuais feitas ao longo das últimas décadas, percorrendo textos da literatura suíça de língua alemã.

A literatura suíça alemã mantém fortes ligações com todas as literaturas de expressão alemã, a da Alemanha e da Áustria, até mais do que com as outras literaturas suíças em francês, italiano ou reto-romano. Os escritores suíços que escrevem em alemão, em geral, consideram-se autores da literatura alemã, excepto aqueles poucos que escrevem em dialecto, sendo, por isso mesmo, só lidos no país ou mesmo só no cantão. Contudo, e uma vez que cada escritor tem as suas raízes num determinado espaço, é importante, em qualquer estudo, ter em conta algumas das especificidades contextuais manifestas nos textos, dado que são escritos num dado contexto, individual e colectivo, pelo que este faz parte também da construção textual. Temos que considerar que a literatura é um fenómeno essencialmente transcultural, atravessa as fronteiras políticas, mas também as linguísticas e culturais, quer a nível da produção, como, mais tarde, a nível da recepção. Há muito de comum entre as literaturas dos vários países de língua alemã, mas há também diferenças, pelo que é necessário estudar essas literaturas tendo em conta os países ou mesmo as regiões de origem: são diferenças sobretudo no campo temático, espacial e respectivos contextos, mas também formais. A literatura suíça tem obviamente muitas relações com o espaço alpino e do campo, e tem também a ver com o facto de no país não haver grandes urbes como nos outros dois países.

Para se contextualizar os textos dos escritores escolhidos, é bom fazer uma rápida contextualização histórico-literária da Suíça de expressão alemã.

A literatura suíça de língua alemã só começou a salientar-se a partir da

segunda metade do século XVIII com a poesia bucólica de Salomon Gessner (1730-1788), de quem foram traduzidos para português alguns poemas, já em 1778. Também a chamada Escola de Zurique, com Jacob Bodmer (1698-1783) e Johann Jacob Breitinger (1701-1776), contribuiu para estabelecer Zurique como um dos centros culturais alemânicos. Para tal contribuíram também Johann Kaspar Lavater (1741-1801) e Albrecht von Haller (1708-1777). As narrativas do pastor protestante Jeremias Gotthelf (1797-1854), muito influenciado pelo pedagogo Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827), foram muito importantes como modelo de uma literatura moralizante. No final do século XIX o realismo poético afirmou-se no país sobretudo com Gottfried Keller (1819-1890) e Conrad Ferdinand Meyer (1825-1898). Keller foi um dos autores que defendeu que a literatura suíça se integrava na alemã: em carta a Josef Viktor Widmann (1842-1911), em 25 de Setembro de 1875, afirmava que ele pertencia à literatura alemã, não querendo dar o seu apoio «aos eternos fundadores de uma indústria literária caseira».

A escritora Johanna Spyri (1827-1901) contribuiu muito para a divulgação da literatura suíça no estrangeiro com os livros à volta da Heidi, tal como outros autores da chamada 'Heimatliteratur', com grande divulgação na Alemanha da época, em pleno desenvolvimento industrial. Um outro autor do início do século XX, Robert Walser (1878-1956), mestre da prosa curta, só se tornou verdadeiramente importante a partir dos anos 80. A sua escrita não se enquadrava nos modelos narrativos suíços, contrariamente aos seus inúmeros textos escritos para diferentes jornais de expressão alemã no país e no estrangeiro. No período entre as guerras os escritores helvéticos escreveram mais para dentro do país, no espírito da «Geistige Landesverteidigung» (Defesa Espiritual do País), um movimento politico-cultural que surge como reacção à divulgação no país da literatura afectada ao nacional-socialismo, defendendo os valores tradicionais suíços como a liberdade, a democracia, em vertentes sobretudo conservadoras. Quem não se enquadrava dentro desta política cultural tinha algumas dificuldade em se integrar no mercado livreiro, como o romancista Albin Zollinger ou a escritora, jornalista, fotógrafa e viajante Annemarie Schwarzenbach (1908-1942), cuja obra ficcional não encontrou qualquer eco relevante, contrariamente às suas reportagens escritas ao longo das suas múltiplas viagens, incluindo Portugal. O mesmo sucedeu com Jakob Schaffner, mas por razões opostas: abraçou a causa do nazismo alemão, pelo que não poderia ser bem aceite na Suíça.

Só depois da Segunda Grande Guerra é que a literatura suíça retoma o seu papel fora das fronteiras, inicialmente com os dois grandes autores Max Frisch (1911-1991) com romances e peças teatrais e Friedrich Dürrenmatt (1921-1990), com alguns romances policiais, mas sobretudo através de algumas peças. A partir dos anos 60, a literatura suíça tem um lugar específico na produção literária em língua alemã e muitos dos seus autores encontram-se traduzidos em muitas línguas, inclusive o português. Apesar de falarem da Suíça escolheram temas universais, que pudessem ser lidos fora das fronteiras nacionais. Deste modo pode afirmar-se, com Max Frisch, que a literatura suíça é a participação na produção literária alemã feita por cidadãos suíços (ou estrangeiros radicados no país, como Hermann Hesse (1887-1962) e vários outros escritores de origem alemã ou de outros países, nomeadamente da Europa de Leste ou de Itália).

O que é típico suíço é difícil de determinar, talvez mesmo impossível, dada a situação linguística e cultural do país, mas também dada a história das imigrações ao longo dos tempos, pois escritores imigrados escreveram em alemão, enriquecendo substancialmente a literatura suíça. Poder-se-á afirmar que a literatura produzida na Suíça alemã não está muito aberta a extremismos temáticos e formais, observa-se, muitas vezes, uma tendência para o pedagógico (ainda que este factor seja muito menos importante nos dias de hoje), e também não é muito dada a questões mais abstractas. É comum tematizar-se a «estreiteza helvética», referindo-se ao enclausuramento do país e das mentalidades, tal como os escritores as vivenciam, num país voltado muito para dentro das suas fronteiras, enquanto os seus escritores procuram caminhos para além dessa estreiteza. Daí a recorrência temática das partidas e dos regressos.

Outra característica é a diferença entre a língua falada, os diferentes dialectos, e a língua da escrita, o que provoca uma certa tensão linguística, que resulta na introdução de helvetismos, ou marcas dialectais no discurso escrito. Dürrenmatt fala, em *Persönliches über Sprache* (1967) [Algo de pessoal sobre a língua], do dialecto como a linguagem do sentimento, a sua língua materna, enquanto o alemão escrito é a língua do raciocínio, da vontade, da aventura, a sua língua paterna.

A maioria dos escritores falam dos seus contextos, das suas raízes, das suas vivências e estas têm, na maioria dos casos, a ver com o país e com a região/cantão.

O meu olhar neste volume incide sobre textos de autores suíços de língua alemã dos séculos XX e XXI.

Começo com uma visita que Annemarie Schwarzenbach fez a Marrocos, pouco antes de morrer. A obra desta autora já se encontra parcialmente acessível ao público português, como vai sendo referido nas notas de rodapé do artigo. Os textos aqui referidos integram-se nos textos ‘tardios’ da autora, onde se contam também os artigos sobre Portugal. São textos marcados por um maior tempo dedicado ao espaço, contrariamente a textos anteriores, onde dominava a falta de tempo para se poder relacionar mais intensamente com o espaço.

O segundo texto «Olhares suíços sobre Portugal» é uma viagem por escritores suíços de língua alemã e francesa que visitaram Portugal no século XX. Entre as duas Grandes Guerras Portugal suscitava algum interesse nos periódicos suíços por causa da situação política do nosso país e pela sua importância para a Suíça na questão do reabastecimento em bens alimentares e do papel da Cruz Vermelha. Alguns destes autores/viajantes dos anos 30 abriam os horizontes dos leitores, para quem as viagens se tornavam quase impossíveis, sobretudo no tempo da guerra.

Saliento aqui os textos de Annemarie Schwarzenbach e de Rudolf Pestalozzi nesse período e de Hugo Loetscher (1929-2009), depois de 1974, mas também autores de livros de viagens no pós-guerra. Seguem-se dois textos sobre a escrita de Friedrich Dürrenmatt. O primeiro ensaio sobre Dürrenmatt, *Minotauro. Uma Balada* debruça-se sobre o Minotauro e o labirinto, tema que o vai ocupar quer na escrita quer na pintura. O autor fez acompanhar o texto sobre o Minotauro por gravuras, algumas das quais poderão ser vistas na internet, uma vez que nas edições posteriores elas não estão incluídas. Trata-se de um texto mitocrítico, onde o autor utilizando a base da narrativa mitológica, a modifica, tornando este texto uma forte crítica aos poderes políticos e à sua aceitação acrítica por parte das populações. O segundo, «Friedrich Dürrenmatt e o policial que não o é completamente» foca os textos policiais deste autor, escritos nos anos 50, e que foram traduzidos para português, ainda que actualmente se encontrem esgotados. Na esteira do belga Georges Simenon (1903-1989) e do suíço Friedrich Glauser (1896-1938), estes romances foram um importante contributo para o romance policial em língua alemã. Dois deles, *O juiz e o seu carrasco* e *A suspeita*, centram-se sobre o inspetor Bärlach, o terceiro, *A Promessa. Requiem pelo romance policial* surge como texto isolado, reflectindo, entre outras coisas, sobre a própria escrita de textos desse género literário. Dürrenmatt ainda se aventurou neste género literário com mais três títulos, a que me referirei brevemente ao longo do artigo.

No quinto texto, «O lento trabalho de ordenamento espacial em romances policiais suíço: Werner Schmidli und Hansjörg Schneider», olhamos para dois escritores de romances policiais, Hansjörg Schneider (1938-) e Werner Schmidli (1939-2005). No primeiro, a acção passa-se em Basileia, cidade fronteiriça, com muitas ligações à Alsácia. Uma das questões abordadas é a da imigração, nomeadamente a albanesa, mas também a questão das fronteiras, sobretudo entre o cantão de Basileia e a França, mas também a Alemanha, na vida das pessoas, incluindo dos criminosos, e na coordenação dos trabalhos de detecção entre as forças policiais dos três países. No segundo temos romances passados numa pequena cidade suíça. A velocidade narrativa é lenta, coerente com a idade do ‘detective’, um reformado que exerce essa actividade como passatempo. A caracterização das personagens é muito importante, para se perceber os motivos dos crimes, mas também o espírito dos habitantes.

O sexto estudo, «Topografias citadinas nos romances de Urs Richle», tem por objecto o estudo do espaço urbano nos romances de Urs Richle (1965-). O espaço deixa de ser somente um palco onde se desenrola a acção, mas torna-se parte integrante dela. Dedico uma especial atenção ao romance *Fado Fantastico*, a história de um crime passado na Suíça francesa, focado na vida de imigrantes portugueses e das famílias em Portugal.

O sétimo ensaio, «As figuras do pai e da mãe em obras de Urs Widmer: o privado e o público», olha para dois romances de Urs Widmer (1938-2014): *Der Geliebte der Mutter*, traduzido em português com o título *O amante da minha mãe*, e *Das Buch des Vaters*. Os romances completam-se, tendo por base a vida do autor, ainda que apresentada de modo ficcional. É, simultaneamente, um olhar para a história cultural da Suíça, tal como as personagens a viveram.

O oitavo estudo, «A Procura do Pai no Romance *Meine Väter* de Martin R. Dean», olha para a questão da procura do pai e a questão da identidade. Martin R. Dean (1955-), suíço filho de pai indiano da Trinidad e de uma suíça, olha para as suas próprias raízes, procurando o pai biológico, que julga estar a viver em Londres, e, por outro lado, tentar perceber o pai adoptivo com quem foi educado numa cidade de província na Suíça e as questões de integração na sociedade daquele país.

Por fim, o último texto, «Uma história de hotel com Thomas Mann ao fundo. O romance *Um criado exemplar* de Alain Claude Sulzer», olha para o romance de Alain Claude Sulzer (1953-) *Der perfekte Kellner*, publicado entre nós com o título *Um Criado Exemplar*. Trata-se de um retrato do envelhecimento

de um criado homossexual num hotel alpino, com a figura de Thomas Mann ao fundo, baseado sobretudo nos Diários do autor alemão e no seu romance *Bekenntnisse des Hochstaplers Felix Krull. Der Memoiren erster Teil (As Confissões do Félix Krull, Cavaleiro de Indústria)*. O romance de Sulzer é muito intenso, apesar de não ter muita acção, concentrando-se essencialmente nas personagens e nas relações que tecem entre si nos dois períodos em que se desenrola a acção, em 1935/36 e em 1966.

Estes nove estudos são sobretudo convites para que o leitor se aventure na leitura dos textos que estão na base destes artigos, pois não são mais do que pontes lançadas aos leitores para que cheguem às diversas ilhas que são os textos, sempre à espera de uma reconstrução por parte dos receptores. São também uma abordagem à cultura de um país europeu, com que Portugal tem muitas relações, sobretudo através da emigração, mas também comerciais, culturais e diplomáticas.

Boas leituras!

